

## PERCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR - DEBATENDO O FILME “PRECIOSA: UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA”

Monique Oliveira Barbosa da Silva<sup>1</sup>  
Cléa Cardoso Da Rocha<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho apresenta reflexões e percepções sobre a violência no ambiente escolar. Refere-se ao trabalho de conclusão de curso de licenciatura em geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Sua construção se deu através das experiências do estágio supervisionado em uma escola da rede pública do município de Feira de Santana — BA. A turma que desenvolvemos o estudo foi da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noturno. Utilizamos da metodologia, baseada na observação e reflexão dos estudantes sobre a violência e como isso reflete na convivência do ambiente escolar. O instrumento de captação de dados, foi o grupo focal criado a partir de um cine-debate, com o filme “Preciosa: uma história de esperança.” Compreender a violência é um dos fatores mais complexos da sociedade, pois abrange vários significados, visto que não é suficiente identificar um ato de violência, é preciso conhecer de fato que tipo de violência está envolvida em determinada realidade social. Deste modo, é preciso criar caminhos para o combate, pois a escola tem um papel fundamental para o enfrentamento. O corpo estudantil, os professores, junto aos demais funcionários podem criar e realizar projetos, que possibilitem organizar diálogos, rodas de conversas, palestras e seminários. Cabendo à direção e à equipe pedagógica direcionar encaminhamentos para as redes de apoio. Visando não somente atender os que estão inseridos no ambiente escolar, mas envolvendo as comunidades ao redor, onde se encontram pessoas na condição de vulnerabilidade e vivenciam a violência. A violência se manifesta em qualquer lugar, independente da realidade social, a isso incluem-se as contrariedades do sistema capitalista, que segrega, deseduca, e é desigual.

**Palavras-chave:** violência; ambiente escolar; convivência; realidade social.

### INTRODUÇÃO

A violência no ambiente escolar, hoje, pode ser considerada um dos condicionantes que pode atrapalhar a convivência e o desempenho dos estudantes. Ao longo das observações no estágio supervisionado, manifestou-se o interesse de refletir sobre a violência, a partir dessa observação surgiram os seguintes questionamentos: qual a percepção dos estudantes de uma escola pública, sobre o que é violência? A violência afeta a convivência dentro e fora da escola? Como os estudantes agem diante da violência percebida?

---

<sup>1</sup> Licenciada e Bacharelada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). e-mail: monick.oliveira7@hotmail.com.

<sup>2</sup> Orientadora e Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestre em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente (UEFS). Especialista em Educação, Ciência e Contemporaneidade (UEFS). e-mail: ccrocha@uefs.br.

O principal objetivo atribuído para este trabalho foi motivar uma reflexão sobre como a violência pode influenciar no desempenho escolar, principalmente no comportamento e a convivência do estudante na escola. Para tanto foi necessário abordar questões sobre: os tipos de violência, quais são perceptíveis dentro ou fora da escola, como o *bullying*, violência verbal e física, além da violência sexual e o abuso sexual e psicológico.

Esta pesquisa foi desenvolvida buscando referenciar o conceito de violência, constituída em uma abordagem teórica, para facilitar melhor o entendimento, pois existem vários campos teórico-metodológicos que tem como objeto de estudo a violência. O presente estudo foi fundamentado em dois filósofos para compreensão do conceito de violência, com diferentes abordagens, enquanto Paviani (2016) retrata a violência como algo contemporâneo e subjetivo, apresentando áreas de conhecimento que trabalham o conceito teórico-metodológico da violência, Hannah Arendt (1970) aponta para algo mais objetivo, que atribui ao poder e suas relações, que correspondem às práticas humanas.

Logo após essa discussão entre conceitos, complementamos com uma discussão teórica sobre a violência no ambiente escolar.

A metodologia da pesquisa foi qualitativa, criando então um cine-debate como mediador didático, o filme “*Preciosa: Uma história de esperança*”, com a turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), composta por 21 estudantes, com faixa etária entre 18 a 77 anos, em sua maioria negros e mulheres. Após a exibição deste filme, houve uma discussão com todos os estudantes e o desenvolvimento de um grupo focal, possibilitando maior reflexão das percepções sobre as suas vivências e como os mesmos compreendiam a violência.

Notou-se a importância de refletir a violência no ambiente escolar, embora a percepção dos estudantes focou-se nas relações do seu convívio social para além das relações escolares, retratando suas vivências. O grupo focal permitiu a ocorrência de um espaço de fala e abrindo discussões onde os estudantes tiveram a oportunidade de dar opiniões, se expressar e posicionarem-se politicamente sobre as questões apresentadas.

## O CONCEITO DE VIOLÊNCIA EM SUAS PERSPECTIVAS E ANÁLISE

Há uma diversidade de conceitos no que se diz respeito a violência, pois existe uma amplitude de posições teórico-metodológicas, que tentam trazer melhor compreensão sobre o tema. Segundo Paviani (2016) o conceito de violência baseia-se da seguinte forma:

A violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre da violência, ela é própria de todos os seres humanos. No segundo caso, a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros. A origem do termo violência, do latim, *violentia*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. (PAVIANI, 2016, p. 8)

Nesse segmento há uma reflexão filosófica por trás, pois incorpora as práticas da moral e da ética, e isso é necessário para a vivência dos seres humanos, porém é preciso entender de forma mais crítica ao conceito, toda ética existe em função das precariedades humanas e dos traços um tanto enfermiços que toda a humanidade tem. “Em sentido filosófico podemos dizer que toda ética é utópica” (MORAIS, 1995, p. 37).

Existem vários métodos de investigação em diferentes áreas de conhecimento, onde a violência pode ser interpretada e compreendida, Paviani (2016) reforça algumas áreas que investigam o conceito de violência, como: sociologia, antropologia, biologia, psicanálise, teologia, filosofia e direito. Porém, o senso comum, também traz das suas percepções, o entendimento do que é a violência, baseando-se no seu cotidiano e nas suas relações corriqueiras.

Logo, é preciso pensar a violência em qual realidade social está inserida. É necessário pensar a violência entre classes, onde o sistema opressor capitalista pode ser um facilitador a partir da sua lógica excludente, causando desigualdade e segregação para o espaço. Todavia, os conceitos de violência aqui discutidos para facilitar a compreensão bem como o contexto social no qual a mesma está inserida, no caso desta pesquisa, estão relacionados às minorias, do ponto de vista social, as mesmas são pessoas que sofrem ou sofreram exclusão e preconceitos, que vivem em condições desfavoráveis para o bem-estar social. A violência é um dos resultantes do sistema capitalista. Paviani (2016, p. 10) exorta que a violência é como um fenômeno desse sistema:

Assim, temos a guerra, a revolução, o terrorismo, o genocídio, o assassinato, o crime organizado, a violência urbana, a violência contra a criança, contra o adolescente, contra a mulher; o estupro, o assédio sexual, o bullying, o vandalismo. Também podemos acrescentar a corrupção como forma de violência e seus derivados como nepotismo, propina, extorsão, tráfico de influência e outras modalidades.

Hannah Arendt, entende a violência com uma abordagem Geopolítica, sua percepção de violência está relacionada aos conflitos e relações de poder. E o poder, para a Geografia, assegura-se em uma de suas categorias de análise, o Território. Nesse sentido, o território é um dos condicionantes para consolidar um ato de violência, como, por exemplo: as guerras. Um evento que representa este contexto foi o Holocausto, um dos atos inescrupulosos de violência mais conhecido da história, matando aproximadamente 11 milhões de pessoas. A violência registrada, não se refere somente às mortes de seres humanos, mas também à consolidação de um regime que violou os direitos, o bem-estar social, as condições humanas, as relações sociais e de poder, que se configuram em atos de violência, como alerta Arendt:

A própria substância da violência é regida pela categoria meio/objetivo cuja mais importante característica, se aplicada às atividades humanas, foi sempre a de que os fins correm o perigo de serem dominados pelos meios, que justificam e que são necessários para alcançá-los. Uma vez que os propósitos da atividade humana, distintos que são dos produtos finais da fabricação, não podem jamais ser previstos com segurança, os meios empregados para se alcançar objetivos políticos são na maioria das vezes de maior relevância para o mundo futuro do que os objetivos pretendidos (ARENDR, 1970, p. 4).

A disputa pelo poder constitui-se então um dos paradigmas para a compreensão da violência. “A realidade e com os fatos” é o que torna o entendimento de violência mais plausível, considerando um dos fatores que traz significados relevantes, em qual contexto está inserida a sociedade atual, as suas relações, como está organizada, a violência pode ser um dos condicionantes para as disparidades das desigualdades? Sim, pode ser percebida? Obviamente, precisamos entender que a mesma faz parte da história, da construção das relações da humanidade e que estão subestimadas e condicionadas ao poder

## **VIOLÊNCIA E CONVIVÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR**

O ambiente escolar, assim como nos demais espaços sociais, é constantemente atravessado pela violência, perceptível no cotidiano dos estudantes. Neste contexto a escola pública, uma instituição de ensino regular disponibilizada para todos os cidadãos civis, tem como papel, além de ensinar conteúdos programáticos, a formação do cidadão. O que ultrapassa a utilização de roteiros programados, de finalizar atividades, abrir e fechar livros.

Assim, o professor e o ambiente escolar, tem um papel crucial para que toda essa dinâmica mude, e que o mesmo tenha a sensibilidade de perceber o que ocorre no seu ambiente de trabalho, no caso, a escola e a sala de aula, como, por exemplo, saber qual é o perfil dos seus alunos, de onde eles vieram, ou seja, de fato o professor tem que estar atento a essas situações, pois, muitas vezes acabam negligenciando os fatos e os problemas que estão naquele lugar, sobretudo a violência. O professor precisa ter a sua autonomia dentro da sala de aula ou fora dela. E, logo, as suas práticas podem ser influenciadoras para que a instituição estabeleça métodos melhores de convivência e assim elaborar projetos para combater a violência no ambiente escolar. Segundo Morais (1995, p. 47):

[...] passa a chamar-nos atenção um tipo de violência que, em campo educacional, tem passado um tanto despercebido: a violência das omissões. Afinal, o professor é habilitado, admitido pela escola, autorizado pelos pais e responsáveis para intervir em vidas; de tal modo que não cabe ao mestre negar-se a fazer o que precisa fazer. E aqui não me refiro apenas negligências e preguiças; focalizo também certas posturas do professor derivadas de curiosos modos de pensar que defendem uma liberdade que não é referenciada nem à faixa etária e nem ao caráter relativo das liberações humanas quando em confronto com conquistas que exigem disciplina – como é o caso do crescimento cultural.

A escola é um espaço pertinente para o exercício da cidadania, e isso colabora com o desenvolvimento do caráter dos estudantes, na formação dos sujeitos. Pois reproduzir, construir e ressignificar valores, e as relações sociais, podem ser formas eficazes para combater conflitos dentro da escola ou até mesmo fora dela. Para que isso seja efetivado, deve-se ter como prioridade, desenvolver situações como projetos, grupos de estudos, cine debates, rodas de conversas, por exemplo, que priorizem a discussão do que é violência e assim agregar o corpo estudantil com a comunidade.

As estratégias de intervenção vão desde o trabalho intelectual e as pesquisas exploratórias sobre o tema até a proposição e implementação de ações para a melhoria da convivência nas escolas. Melhorar a convivência é possível tanto de maneira mais ampla, ensinando valores e maneiras de se conviver, prevenindo assim comportamentos agressivos, quanto mediando conflitos que são a maior causa de violência (ORTEGA & DEL REY, 2002).

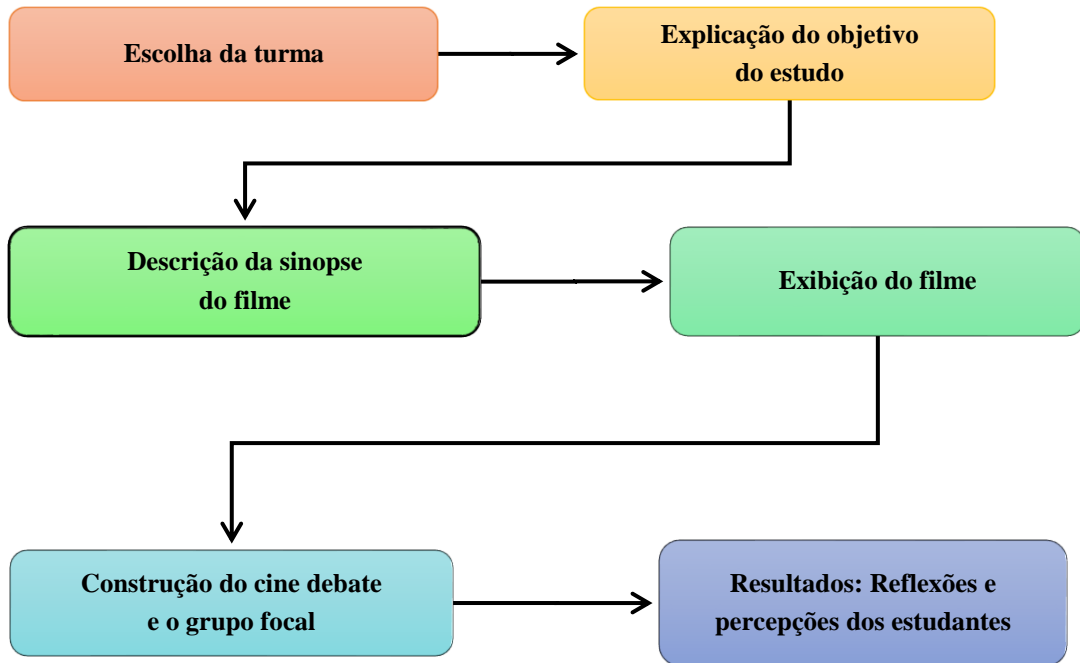
Desta maneira, a escola, a educação, podem/devem criar mecanismos para combater qualquer forma de opressão, a exemplo do: racismo, homofobia, violência contra mulher, abuso sexual de crianças e adolescentes, a violência física, sexual e verbal, que neste contexto podem estar atrelados aos grupos sociais mais excluídos, as chamadas minorias, que sofrem com o preconceito e as mazelas dessa sociedade desigual, porém o fator que é imprescindível, é reconhecer que a educação pode mudar a sociedade.

## **CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública de ensino da Bahia, no município de Feira de Santana, que atende estudantes do terceiro ano da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno do noturno.

Utilizamos o método qualitativo, tendo como base a observação, que influenciou para o desenvolvimento dos dados da presente pesquisa. Desta forma, seguimos as seguintes etapas, conforme observamos na Figura 1:

Figura 1 – Esquema Metodológico



Fonte: Elaborado pela autora, (2019).

No quadro 1, apresentam-se a sinopse do filme “Preciosa: Uma história de esperança”, que tem como título original “*Precious: Based on the Novel ‘Push’ by Sapphire*”, lançado em 2009, sob a direção de Lee Daniels, roteiro de Geoffrey Fletcher e conta com o elenco de: Gabourey Sidibe, Mo’Nique e Paula Patton. Com duração de 1(uma) hora e 49(quarenta e nove) minutos, sendo classificado como um filme de gênero de drama.

**Quadro 1 - Sinopse do Filme “Preciosa: Uma história de esperança”**

1987, Nova York, bairro do Harlem. Claireece "Preciosa" Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai (Rodney Jackson) e abusada pela mãe (Mo'Nique), ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. O fato de ser pobre e gorda também não a ajuda nem um pouco. Além disto, Preciosa tem um filho apelidado de "Mongol", por ser portador de síndrome de Down, que está sob os cuidados da avó. Quando engravida pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A Sra. Lichtenstein (Nealla Gordon) consegue para ela uma escola alternativa, que possa ajudá-la a melhor lidar com sua vida. Lá, Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, se refugiando em sua imaginação.

**Fonte:** Site Adoro Cinema, (2020).

A exibição do filme Preciosa proporcionou o debate sobre as percepções dos estudantes com relação à violência, um dos objetivos do nosso trabalho. Apesar de o filme ser extremamente difícil e longo, este foi escolhido por sua contundência em colocar situações que, infelizmente, são cotidianas na vida de muitos estudantes.

Durante a aplicação da atividade com a turma, foi observado alguns comportamentos dos estudantes no momento da exibição, como: sonolência, entrar e sair da sala, principalmente os estudantes mais jovens, e conversas paralelas. Contudo, os estudantes que estavam sentados à frente, estavam mais atentos com relação ao filme, e comentando sobre o mesmo, ou seja, reagindo nas partes centrais. Diante dessas observações, alguns pautaram acerca da violência sofrida pela personagem principal, a Preciosa.

A obra cinematográfica apresenta importantes temas para tomar conhecimento, principalmente o que se diz respeito a violência e como a sociedade tradicional é incapaz de perceber o quanto isso afeta o cotidiano de pessoas mais vulneráveis, ou seja, as minorias. A violência retratada, possibilitou uma análise para o desenvolvimento da pesquisa, além da percepção dos estudantes. O filme apresentou temas importantes como: *bullying*, violência doméstica, abuso sexual e a violência escolar, tornando assim profícuo para o debate.

Várias discussões foram geradas em torno do filme, pois diante de uma sociedade tão excludente no qual vivemos, pode-se compreender que os estudantes de escolas públicas e de



baixa renda, são os mais vulneráveis e reféns de uma educação fragilizada, tanto familiar, quanto escolar, e a negligência por parte de órgãos responsáveis para garantir o bem-estar social.

## **DEBATENDO A VIOLÊNCIA: A PERCEPÇÃO E REFLEXÃO DAS HISTÓRIAS DE VIVÊNCIAS DOS ESTUDANTES**

A turma participante do cine debate, foi composta de 21 estudantes, com faixa etária entre 18 a 77 anos. Logo após a exibição do filme, iniciamos o debate com os estudantes presentes que se dispuseram a responder as perguntas que foram levantadas pós filme, compondo assim, um grupo focal.

As respostas às essas questões versaram sobre a experiência dos estudantes em situações de violência. A primeira pergunta foi: Você já presenciou algum tipo de violência na sua escola, foi vítima ou conhece alguém que passou por isso? Por exemplo: *bullying*, discriminação, violência psicológica, abuso sexual, agressão verbal ou física? Logo uma estudante respondeu: “Que indiretamente o outro faz o *bullying* com o colega, chamando de “burro”, “gordo”, dando outro apelido inconveniente, que vai afetar a pessoa, mas na fala o tempo todo fazendo *bullying* com a pessoa e manda calar a boca.”

Outra estudante respondeu a primeira pergunta, relatando sua experiência na escola onde estudava:

Tive uma experiência, eu conheci uma menina que tinha 16 anos, e sofria violência psicológica, eu lembro que a gente chegou na sala e começaram a chamar ela de fedorenta, e os meninos jogaram um frasco de perfume nela.

Nessa fala, é notório perceber o ato de violência psicológica por partes dos colegas e o *bullying*, que é bastante comum, pois o *bullying* segundo (SLOBODZIAN & HUBNER, 2016) deriva do verbo inglês *bully*, o que caracteriza um comportamento agressivo e repetitivo. Ou seja, colocar apelidos que caracterizam o outro, e a forma ríspida de tratar os mesmos, fazendo algazaras e perturbações, isso acaba afetando o psicológico do outro.

Infelizmente numa sociedade tão violenta, e que a cada momento legalizam abertamente o ódio, o acúmulo de carga emocional fragiliza estes sujeitos, faz com que atos de violência sejam praticadas em forma de revoltas, crimes como chacinas em escolas, provocados por adolescentes que sofreram *bullying* dentro da instituição, por esse motivo tirando a vida de muitas crianças e adolescentes. É válido o questionamento de como a escola se posicionou

diante desse fato, a garota foi extremamente desrespeitada, agredida verbalmente e psicologicamente, a escola simplesmente colocou uma advertência? Ou tentou de alguma forma, abrir diálogo com os mesmos para tentar otimizar as relações? Sobre este aspecto Slobodzian e Hubner discutem:

[...] a necessidade de aprofundamento e reflexão no espaço escolar, pois as constantes situações de violência desencadeadas por esse fenômeno na escola exigem uma ampla discussão e conhecimento sobre o tema por parte dos professores, pedagogos, equipe de direção, alunos e agentes educacionais para buscar combater possíveis ocorrência de bullying (SLOBODZIAN e HUBNER, 2016. p. 3).

O *bullying* é perigoso, e podem trazer consequências graves para o futuro dos estudantes.

Na continuidade questionou-se a turma se os mesmos conheciam alguém que sofreu abuso sexual, ou sofreram outros tipos de violência, doméstica. Ao que se seguiu um relato de uma estudante que acreditamos importante de discutir:

A igreja onde congrego, tem uma menina que foi estuprada aos 12 anos, por desobediência a mãe, que não tinha autorizado ela ir ao show, a mesma foi para esse tal show e quando voltou, foi violentada próximo ao cemitério, por dois rapazes, a mãe a rejeitou e ela teve que ir embora de casa. A mesma desenvolveu traumas, pois casou e logo após ao casamento teve uma depressão, pois a mesma não conseguia se relacionar sexualmente com o esposo, mas hoje se encontra fazendo tratamento psicológico. Outra garota, que foi violentada pelo pai, e teve que morar em outro bairro, e aí foi pra minha casa gritando e chorando. Chamei ela pra dentro de casa, onde ela no quarto da minha filha, não falava nada e aí pela manhã ao acordar, tomou banho e preparei o café, e foi que a mesma me contou que tinha sido violentada, levei ela pra fazer um exame e assim descobriu-se que ela tinha sido realmente violentada pelo pai e isso já fazia muito tempo que ela vinha sendo violentada, o pai não chegou a ser preso, pois sofreu um acidente numa via pública, e morreu no local. Ah!! Teve um menino, que estuda nesse colégio, que ele também sofreu violência sexual pelo irmão e pelo pai, que eram usuários de drogas, ele tinha 16 anos, o pai vendeu tudo que tinha para comprar drogas, ou seja, o adolescente sofreu abuso do pai e do irmão, sofrendo violência física e sexual, e tipo, é preciso ter um amparo para eles, porque infelizmente eles não tem assistência devida, e em vez em quando ele tem umas recaídas e sempre procura por exemplo, a igreja na qual sou pastora, para poder buscar refúgio. Eu lido todos os dias com jovens assim pró, e é difícil.

Nessa fala, percebe-se casos semelhantes ao que foi exibida no filme. Na fala da estudante reflete o quanto os adolescentes e crianças são vulneráveis a situações de abuso no convívio familiar, a primeira situação descrita, foi a mãe ter culpado a filha pela desobediência e o que sobreveio disso, como consequência o ato inescrupuloso, o estupro. O estupro segundo o Código Penal, a Lei nº 2848/40 é crime:

Art. 213. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso: Pena - reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos.

§ 1º Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave ou se a vítima é menor de 18 (dezoito) ou maior de 14 (catorze) anos: Pena - reclusão, de 8 (oito) a 12 (doze) anos.

§ 2º Se da conduta resulta morte: Pena - reclusão, de 12 (doze) a 30 (trinta) anos (BRASIL, 1940).

Percebe-se e discutiu-se com o grupo que isto é o reflexo de uma sociedade doentia, em que nas suas raízes há a construção de pensamentos e ações de cunho machista, sexista e misógina. Infelizmente desconstruir esses problemas enraizados é um processo árduo, porém é um dos caminhos para se combater. Outro problema, e que para muitos não é relevante, o quanto o estupro, a violência sexual, traz uma consequência e marcas profundas para o sujeito, impactando todas as suas relações cotidianas da vida. INOUE & RISTUM (2008, p. 14) diz que:

A violência sexual pode trazer impactos para a vida de quem sofreu ato de violência, como a depressão, sentimento de culpa, comportamento autodestrutivo, ansiedade, isolamento, baixa autoestima, tendência ao abuso de substâncias, queixas somáticas, agressão, problemas escolares, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), comportamentos regressivos (enurese, encoprese, birras, choros), fuga de casa e ideação suicida são sintomas que podem aparecer na infância e se estender pela vida adulta.

Em um dos casos relatados a vítima ao chegar na juventude se sentiu-se incapaz de desenvolver qualquer intimidade com seu esposo, por conta do trauma que lhe ocorreu na adolescência, a mesma conseguiu ajuda por parte dos agentes que podem amenizar a situação, no caso a ajuda psicológica, o tratamento para que se tenha futuramente um convívio profícuo com seu esposo, e as demais pessoas que fazem parte das suas relações.

Aparentemente não tem a ver com a escola, pois foi um relato de uma estudante, porém quando envolve crianças e adolescentes, a escola tem sim um papel importante, principalmente o suporte de levar esses casos, como abuso, violência psicológica, estupros, aos órgãos competentes, assistentes sociais, psicólogos, além de promover discussões sobre temas, que envolve o cotidiano do estudante dentro ou fora da escola.

Embora muitas das jovens e adolescentes não tenham a mesma oportunidade de acesso aos serviços de acompanhamento psicossocial, seja por falta de condições financeiras ou falta de apoio do Estado, o apoio e garantias de suporte para a saúde mental das vítimas que sofreram violência sexual é essencial.

No segundo relato, parecia que a mesma estava narrando o filme de Preciosa, a garota sofreu abuso sexual do pai, (abuso sexual é quando o abuso ou violência sexual na infância e adolescência como a situação em que a criança, ou o adolescente, é usada para satisfação sexual de um adulto ou adolescente mais velho). A situação relatada, porém, é devastadora, pois precisou-se que a mesma saísse de casa, para que esses abusos tivessem fim, e aí o amparo social entra em jogo, a escola novamente seria talvez uma mediadora para garantir uma assistência adequada para a mesma. Mas como? De que forma a escola se infiltraria nesse enredo?

Apresentando caminhos, como por exemplo, encaminhamentos com psicólogos, assistentes sociais, educação sexual, pois isso com certeza seria um dos caminhos para se perceber, por exemplo, se a criança ou adolescente sofreu ou sofre abuso sexual, doméstico, quaisquer tipos de abusos. A garota que sofreu abuso sexual do pai, supostamente frequentava a escola, então, casos semelhantes podem estar acontecendo dentro do ambiente escolar, e como seria o comportamento da mesma? Foi apenas o relato, mas que deixou uma reflexão, para pensarmos em criar mecanismos eficazes para dar um suporte adequado a estes estudantes.

O outro relato é do adolescente, que sofreu abuso do pai e do irmão, ou seja, o lar familiar fragilizado por causa das drogas, um dos fatores comuns numa sociedade excludente e segregada, nada justifica os abusos sofridos pelos adolescentes, que segundo relato carrega traumas da violência sofrida. Mais uma vez reforça a importância de se ter o amparo dos órgãos sociais

Foi perceptível diante das falas dos estudantes, que em momento algum, eles se posicionaram se já sofreram algum tipo de violência, e isso foi um dos problemas, pois a pesquisa em si, é direcionada à percepção da violência no ambiente escolar pelos estudantes, porém a maioria dos relatos foram registrados fora da escola, e por outras pessoas.

Logo após a pergunta seguinte foi: se os estudantes vivenciaram algum tipo de violência dentro da escola, tipo física ou verbal? Como foram o posicionamento dos estudantes diante da situação, se os mesmos interviam quando acontecia algum ato de violência. Uma estudante se pronunciou: “Sobre a menina que jogaram o perfume, todo mundo deu risadas.”

Aqui se percebe que há naturalização desse tipo de violência, no caso a atitude prestada foram “deram risadas”, ou seja, é nítido que os estudantes não conseguem perceber que isso é grave, que o *bullying* pode trazer marcas para a vida de um sujeito. Um dado preocupante é que segundo as entrevistadas muitas vezes esses casos não chegam à diretoria ou o professor, ficando o agressor impune.

Outra estudante respondeu à pergunta:

Teve uma vez no eixo IV da turma do EJA, tinha uns alunos que começaram a brigar e na época era outro diretor, e começaram a me chamar, TIA!! TIA!! CORRE QUE VAI TER MORTE!!, e aí o outro falava “Vou te matar”, separei e falei, não mate rapaz, que caixão tá caro e aí peguei um e o diretor pegou outro, e depois chamo esse que estava comigo. Ou seja, a briga não tinha motivo nenhum, só que assim quando começa a discutir, no pátio da escola, ninguém separa, eles se aglomeram e começa a fazer gritaria e aí um quer ser melhor que o outro, e aí pronto, termina em confusão.

Nos casos onde a direção ou o professor foram comunicadas ou observaram a violência, estes chamavam a atenção dos alunos. Os alunos que presenciaram os atos de violência relataram que se sentiram tristes diante de tal situação como podemos ver nos relatos.

E nesse debate, perguntamos sobre o filme Preciosa, e observar que a mesma sofria os abusos, ou seja, diversos tipos de violência, e além da violência escolar, que a mesma não conseguia ter um desempenho favorável. Direccionamos os estudantes a 4º pergunta, se eles tinham colegas, que sofreram ou sofrem violência escolar ou até mesmo abusos, e se isso afetava o desempenho dos mesmos por sofrer violência? Uma estudante respondeu: “Sim!! Tem uma colega que ela não conseguia progredir nas aulas, por conta do abuso que sofria em casa, neste caso a violência doméstica.”

Destacamos a importância de se ter o amparo escolar diante dessas questões, como exemplo do filme, a escola alternativa fez com que a Preciosa tivesse uma perspectiva de futuro, então aí entende-se o papel real da escola, da instituição em si. Essa percepção ficou claro através da reflexão dos estudantes.

E para finalizar a discussão do grupo focal, a última questão foi: o que é a violência? E assim foram respondidas da seguinte forma: “Violência é tudo aquilo que mexe com o psicológico do outro. De negativo, caracterizando a violência só com o *bullying* não dá!! E não é, uma palavra por exemplo, é pior que uma agressão.” Outro estudante responde: “Até mesmo o olhar com o outro.”, “Uma palavra mata até uma pessoa.” “Tudo que agride o outro é violência.”

Portanto os estudantes acreditam, que violência é tudo que agride o outro seja psicologicamente, verbalmente ou fisicamente. A escola deveria ser um amparo para as crianças, jovens e adultos, no entanto, a mesma acaba auxiliando à exclusão desses sujeitos, e isso já é um tipo de violência, na qual você nega o amparo e assistência aos estudantes, que sofrem ou sofreram abusos em casa, tanto sexual ou doméstico, que sofrem bullying na escola.

Com base na discussão e a percepção dos estudantes, detectou-se que os tipos de violência mais vivenciadas pelos alunos foram a verbal e psicológica, ligadas principalmente às características físicas do colega, aos estereótipos, e intelectuais ocorrendo através da colocação de apelidos.

Em relação aos estudantes, estes muitas vezes não interferem quando os colegas estão discutindo, brigando ou em situação de *bullying*, pelo contrário acham graça e incentivam os outros a chegarem às vias de fato. Aqueles que se posicionam são amigos da vítima que confrontam os agressores ou se sentindo acuados saem de perto dos agressores junto com a vítima, sendo um dado agravante. Estes relataram se sentirem tristes e envergonhados diante de tal situação. Por conseguinte, e nos casos onde a direção ou o professor foram comunicadas ou observaram a violência, estes simplesmente só chamavam a atenção dos estudantes. Mostrando assim um descaso da direção e dos professores em detectar e lidar com casos de violência na escola e indica que não estão passando aos alunos confiança para denunciarem ou tentar estabelecer projetos pedagógicos que ligam a boa convivência no ambiente escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado, através da observação, dos diários reflexivos, e a regência, fez com que despertasse o interesse de entender como os estudantes compreendiam e refletiam o que era violência, e quais eram as suas percepções dentro do ambiente escolar.

Questionar sobre o que é violência e a convivência dos estudantes no ambiente escolar, revelou que isso faz parte do seu cotidiano, tanto direta ou indiretamente, são inúmeros tipos de violências, mas as que foram cabíveis para a construção do debate e identificados a partir da percepção dos estudantes foram: o *bullying*, abuso sexual, violência sexual e doméstica, violência verbal e física

O debate sobre o filme Preciosa, desde o início da construção desta pesquisa, foi um dos recursos didáticos planejados para trabalhar na perspectiva de falar e refletir sobre a violência. Preciosa foi um exemplo pertinente para os estudantes perceberem as realidades sociais impostas na atual sociedade. Foi perceptível para os estudantes que a sociedade é negligente, e a escola é conivente, como observado ao longo das discussões no grupo focal.

Conseguiu-se uma reflexão por parte dos estudantes, pois os mesmos concluíram a importância de discutir sobre a violência e em especial na escola, visto que todas as suas

experiências e/ ou contato podem influenciar diretamente nos comportamentos e desempenho escolares.

O estágio supervisionado contribuiu para o desenvolvimento de novas perspectivas, impulsionando a pensar possibilidades na construção de relações sociais menos violentas. Isto implica em sugerir que a escola se posicione frente às situações de violência e seu enfrentamento.

Nesse sentido é possível construir instrumentos, que possibilitem combater a violência, ou seja, produzir intervenções como debates sobre temas ligados a vários tipos de violências, reuniões com especialistas, dentre entre estes, psicólogos. Promover rodas de conversas, seminários, que possam atender não somente os estudantes, mas todo o corpo escolar e a comunidade externa. Sendo assim, há possibilidade de incluir uma educação visionária, que deem para esses jovens, adolescentes e crianças uma história de esperança. A Preciosa poderia desistir, diante das dificuldades que a mesma enfrentou, mas ela não desistiu principalmente por conta do apoio que encontrou em uma professora.

A violência não está presente apenas dentro da escola, ela começa dentro de casa e fora, na rua, na esquina, e isso é reflexo de um sistema precário, que não oferece assistência, e nem uma educação satisfatória, pois a mesma está fragilizada, negligente e isso pode ser um dos fatores, que contribuiram para que hoje, o alto índice de violência faça parte da realidade e o cotidiano da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA (2022). **Preciosa: Uma História de Esperança**. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-132242/> Acesso em: 10 mar. 2020.

ARENDT, Hannah, **Da violência**. Nova York, Harcourt, Brace & World, 1970.

BRASIL, **Decreto lei nº 2.848**, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm). Acesso em: 9 fev. 2020.

INOUE, Silvia Regina Viodres; RISTUM, Marilena. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v.25, n.1, p.11-21, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100002>. Acesso em: 20 dez. 2019.

MORAIS, R. **Violência e educação**. Campinas: Papyrus, 1995.



ORTEGA, R. & DEL REY, R. Estratégias Educativas para a Prevenção da Violência. Brasília: UNESCO, UCB, 2002

PAVIANI, Jayme. **Conceitos e formas de violência**. 2 ed. Caxias do Sul: Educs, 2016.

PRECIOSA: UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA. Direção de Lee Daniels. EUA: Lionsgate, 2009. (149 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WO-ynovfRis&t=969s> Acesso em: 10 mar. 2020.

SLOBODZIAN, L; HUBNER, C.A. **Bullying no contexto escolar**: Possibilidades de intervenção. Unespar, São Paulo, 2016. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_ped\\_unespar-campomourao\\_luciaslobodzian.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unespar-campomourao_luciaslobodzian.pdf) Acesso em: 10 mar. 2020.